

IDEOLOGIA: A DEMARCAÇÃO DA SINGULARIDADE NAS TEORIAS DA LINGUAGEM – CONSIDERAÇÕES PARA UM DEBATE A PARTIR DO TEXTO OBSERVAÇÕES PARA UMA TEORIA GERAL DAS IDEOLOGIAS, DE THOMAS HERBERT

Elizabeth FONTOURA DORNELES
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

A posição no painel nos conduz a retomar pontos colocados pela(s) painelistas e sobre eles tecer algumas considerações. Irei então trazer do texto-fonte dois aspectos de maior relevância para o debate: a questão da entrada da ideologia no “científico” e a fidelidade de Thomas Herbert à estrutura.

No espaço intelectual da Europa dos anos 60, o estruturalismo havia feito produzir-se avanços no campo das ciências sociais. A noção de estrutura, tomada como fundamento para o paradigma estruturalista, leva intelectuais a uma edificação teórica que, a partir da lingüística, provoca formação do “pólo de convergência de uma geração inteira que descobriu o mundo por trás da grade estrutural”. (DOSSE, 1993: p. 14)

Nesse universo Thomas Herbert inscreve-se, não para ficar preso pela “grade estrutural”, mas sim para, a partir dela mesma, questionar as exclusões e/ou separações que a adoção de tal paradigma provoca. Assim ele traz para o campo dos estudos da linguagem a ideologia como elemento que, a posterior, é tomado como constitutivo.

Thomas Herbert retoma noções forjadas por Freud/Lacan, por Marx/Althusser e pelo próprio Saussure e parte em busca da “totalidade” que o estruturalismo não pode dar conta. Persegue o ponto onde a ciência e a ideologia possam constituir uma “subjetividade não-subjetivista”.

As conclusões retomadas do texto precedente “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e, especialmente, da psicologia social”, dão conta dos dois momentos por que passa a constituição de uma ciência que institui-se a partir do trabalho de “transformação produtora” do seu objeto. Momento em que elege

seus pressupostos, adquire configuração própria e constitui-se de argumentos para a seguir proceder a “reprodução metódica” do objeto. Thomas Herbert, sempre voltando-se para ciências sociais, mostra que o não-rompimento com o discurso ideológico dado, na fase teórico-conceptual, é um efeito produzido pela prática “conceptual-experimental”.

Nessa primeira parte de “Observações para uma teoria geral das ideologias” ele já faz intervir a impossibilidade de uma ciência ser considerada dicotomizando-se “prática técnica” e “prática política”. Traz do texto anterior a dupla forma da ideologia mas em nota de rodapé (3) alerta para o fato de que “prática técnica” e “prática política” formam “um elemento dentro da estrutura de uma prática”. Remete então para a constituição dos objetos pelo duplo efeito do técnico e do político.

Aponta aí para uma questão que ele levará muito a sério ao longo de sua obra. Com elaboração muito pertinente à lingüística, em Semântica e Discurso, na “Simples nota prévia” Pêcheux identifica *três tendências que se opõem, se combinam e se subordinam umas às outras sob formas variáveis* (p. 21) nos estudos lingüísticos. Mostra que à AD nenhum delas é suficiente exatamente porque constituíram-se buscando colocar na lingüística a exterioridade que havia sido desprezado pelo corte sausseriano, entretanto não conseguiram ultrapassar a barreira das ideologias tipo B e continuaram na “prática-técnica” repetindo a divisão entre língua/exterioridade, ciência/ideologia. O sistema com partes explicáveis por ele mesmo e com outras que precisam da exterioridade lingüística continua fechado em si mesmo e margeado por resíduos que, se considerados como parte, poderiam dar aos estudos lingüísticos a materialidade ideológica de que careciam as ciências sociais. Pêcheux nos mostra no texto de 1975 que na busca pela “cientificida” a lingüística deixa de lado aquilo que, na perspectiva do materialismo histórico, é a própria condição da ciência: os processos onde a contradição constitutiva carrega a subjetividade dissimulando-a pelos efeitos da ideologia. No texto de 1967, Thomas Herbert já mostra a sua preocupação com a explicitação, a partir da dupla forma da ideologia (A e B), do modo como a prática vem impregnar a ciência de ideologia. Nessa busca, ele vai apontar para um novo paradigma para todas as ciências.

As ciências ditas da “natureza” dispõem de uma materialidade empírica observável, de procedimentos “científicos” já consagrados por cientistas como Tales, Galileu, Lavoiser mas foram submetidas à dupla forma da ideologia, o que lhes deu exatamente o caráter que têm. São as ciências objetivas, matematizáveis como se não resultassem do encadeamento dos elementos da formação social. Às ciências sociais, em contraponto, reserva-se o caráter da “subjetividade”, da cientificidade vinda de fora. Os processos sociais também não são tomados pelo efeito do encadeamento que eles próprios provocam na estrutura. A não incorporação nas ciências sociais daquilo que lhes é mais próprio, impede que sejam transformados esses processos em objetos teóricos e apague-se a dicotomia entre ciência e ideologia.

A busca incessante pela teorização acerca da presença do ideológico em todas as ciências vem marcar uma certa diferença entre Pêcheux e alguns teóricos de quem se aproxima. Em Thomas Herbert (1967) a aproximação com Lacan já está assinalada pela ressalva de que a cadeia sintática dos significantes determina para o sujeito o seu lugar, *identificando-o a um certo ponto de cadeia (o significante no qual ele se representa), e que esse mecanismo de identificação não é outro senão o “efeito de sociedade”* (p. 75).

O que está apontado aqui vai ganhando desdobramentos nos textos posteriores. No capítulo II de Semântica e Discurso, em nota de rodapé, ele reafirma o distanciamento, ao retomar que o Sujeito que “interpela” os indivíduos em sujeito” é da ordem da ideologia e com isso marca a diferença em relação aos conceitos de Lacan, que poderiam produzir, na teoria, a “reinscrição idealista”.

Na mesma perspectiva, podemos ver as críticas feitas a Foucault em “Remontémons de Foucault a Spinoza”. Ainda que Foucault tenha contribuído com noções essenciais para a AD, a sua reflexão não tem a ideologia como fio condutor, então a fidelidade teórico de Pêcheux não poderia resistir, daí porque a volta a Spinoza, pois nesse a ideologia está no questionamento que faz no interior da própria doutrina. Ali a contradição se materializa.

Esse tenacidade com que Pêcheux sustenta a presença da ideologia como constitutiva/constituída dos/nos processos sociais fecha o cerco em Discurso: estrutura ou acontecimento?, quando ele mostra que ciências da natureza,

tecnologias materiais e gestões administrativas têm um real natural-sócio-histórico atravessado por “uma série de equívocos da ordem do ideológico”. Nada escapa da ideologia, nem ciências sociais, nem ciências exatas. O cerco está fechado.

Outro ponto do texto que dá o tom do que seria a obra de Pêcheux é a fidelidade de Thomas Herbert à estrutura. Tomando a explicação da constituição de objetos idealizados pela dupla forma da ideologia ele traz da lingüística o eixo paradigmático e a estrutura. Nesse sentido, a lingüística possibilita às ciências sociais a cientificidade perpassada pela ideologia, onde a estrutura encadeia processos como engrenagens que fazem o encaixe uma na outra e faz produzir o efeito de sociedade que incorpora uma totalidade: fiel ao marxismo.

A estrutura, posta no jogo do eixo paradigmático onde deslocam-se, recolocam-se elementos em lugares sintáticos marcados, será flexível, com porosidade por onde infiltra-se o ideológico e, sorrateiramente, vai amalgamando processos e fazendo produzir-se “realidades que têm que ser assim”. É na sintaxe que a ideologia mascara-se produzindo as ideologias que, na Semântica, vão “etiquetar”, dar nome, sustentar isso que parece tão natural, tão verdadeiro. Na verticalidade guardam-se essas etiquetas tão puras e inofensivas que se colocam a serviço dos múltiplos cavaleiros das verdades a serem anunciadas.

O jogo entre a Semântica e a Sintaxe (Ideologias A e Ideologias B) trabalha exatamente naturalizando no lugar determinado aquilo que é apenas um efeito ideológico. Dessa forma, o acontecimento na estrutura coloca em cena o sujeito, o significante, no lugar apontado pelos outros significantes da cadeia. O processo de assujeitamento, que será objeto de textos posteriores, se inicia em Thomas Herbert (1967). O que será a forma-sujeito senão um “efeito de sociedade” que se produziu na estrutura?

Como apontes finais gostaríamos de render tributo a Pêcheux, assinalando que o tempo todo ele faz trabalhar pela ideologia, a lingüística, e provoca a “mutação conceitual” capaz de produzir do seu interior um novo objeto: a disciplina de interpretação.

A singularidade da teoria já se apresenta na situação dos analistas do discurso frente às grandes áreas do conhecimento. Mesmo que tenhamos pressupostos distintos das “Letras, Artes e Lingüística” ancoramos nelas. O lugar

da interpretação permanece, mas a transformação conceitual operada lhe conferiu uma posição singular no espaço das teorias da linguagem. É essa posição linguageira que precisa ser inscrita insistentemente para desalojar o “objetivismo” que tenta ser posição dominante na sociedade ordenada pelo capital.

O texto fundador da disciplina de interpretação dá o tom de fidelidade, da coerência teórica daquele que tem estabelecido conosco uma relação de nunca acabar.

Referências Bibliográficas

DOSSE, François. *História do Estruturalismo*, v. 1: O campo do signo, 1945-1966. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1993.

HENRY, Paul. *Os fundamentos teóricos da "análise automática do discurso"* de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, F. e HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1990.

HERBERT, Thomas. *Reflexions sur la situation théorique des sciences sociales et, spécialement, de la psychologie sociale*. Les Cahiers pour L'Analyse, 2, 1966, p. 139-167.

_____. *Observações para uma teoria geral das ideologias*. Rua, Campinas, 1995, 1: 63-89.

PÊCHEUX, Michel (1977). *Remontémonos de Foucault a Spinoza*. Seminário Internacional "El discurso político: teoría y análisis". Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México y Editorial Nueva Imagen, 1980. p.191-199.

_____. *Semântica e discurso - uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988. 317p.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas-SP: Pontes, 1990.